



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

REPENSAR A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM JORNALISMO: UM LONGO CAMINHO A PERCORRER SOB A ÓTICA DO DIÁLOGO E DA VISÃO HUMANÍSTICA”¹

Boanerges Lopes – Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

RESUMO

A comunicação no Brasil tem uma tradição de mais de meio século através do aprendizado nos cursos de Jornalismo. E muito mais tempo em outras realidades. Historicamente, a ideia de que o Jornalismo é uma atividade para ser aprimorada nas escolas superiores foi defendida tanto por educadores quanto por empresários. Mas nem sempre houve consenso. Muito menos investimento adequado e infraestrutura. O que tem provocado o distanciamento de uma formação cidadã com responsabilidade social. Este texto reflete sobre alguns aspectos que envolvem a realidade formativa e humanística.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado; jornalismo; formação, cidadania; humanização.

1 INTRODUÇÃO

Demonstrar a importância da formação acadêmica para o pleno exercício do Jornalismo não tem sido uma tarefa fácil ao longo da História da Comunicação no país. Estimular o engajamento dos profissionais e estudantes na luta pela defesa da formação é lidar com barreiras quase intransponíveis e muitas vezes enfrentar estranhos hiatos regulados por uma legislação incipiente e um certo marasmo que ainda envolve inação de gestores e até omissões docentes e discentes.

2 METODOLOGIA

Para além do procedimento revional da literatura disponível, o tratamento ensaístico ao texto predomina, no intuito de se buscar uma investigação e exposição que estimulam abordagens diferenciadas, pois possibilitam um conteúdo menos formal. De acordo com Rodriguez (2012), o ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa. Se a pesquisa é a ideia da ciência, onde, a partir de algumas perguntas iniciais - e aqui elas estão presentes -, percorre-se um caminho previamente traçado para o conhecimento, e onde os achados são considerados indestrutíveis e estáticos, o ensaio corresponde à forma interpretativa. Nela, segundo o autor, a verdade não só se situa além dos fatos, mas é fruto indissociável do próprio movimento do pensamento, desvelando-se ao longo do processo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

¹ Trabalho apresentado no GT4 – Práticas Profissionais e Formação Cidadã em Comunicação da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

O saudoso Dines (1998), jornalista e ex-coordenador do Observatório da Imprensa, era enfático: ‘A atividade jornalística é necessariamente multidisciplinar e como combinar conhecimentos senão numa Universidade?’. Sua opinião destaca que a escola de Jornalismo é lamentável onde a Imprensa é lamentável. “Onde a Imprensa tem nível e qualificação, estabelece-se uma inter-relação com a Universidade, benéfica para ambas. O importante, então, é melhorar o nível de nossos veículos e dos quadros que os dirigem”, enfatiza. Meditsch (1992), afirma que a especificidade do jornalismo aponta para um caminho de superação de qualquer dicotomia: uma pedagogia do conteúdo, baseada nos estudos do educador Paulo Freire, em que a teoria nasce da reflexão sobre a prática.

É possível também inferir que sob o ponto de vista do alicerce intelectual, de condições para a reflexão sobre as práticas profissionais, e de um aprendizado didático-pedagógico organizado e produtivo, a Universidade permanece como local adequado para formar jornalistas no atual estágio da História da Imprensa, não só brasileira, mas mundial. São pontos ressaltados desde os anos 1950 por profissionais experientes, como José Hamilton Ribeiro, Barbosa Lima Sobrinho e Alberto Dines; educadores conceituados, como Carlos Rizzini, Erasmo Nuzzi e José Marques de Melo; e intelectuais como Antonio Gramsci.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Torna-se imprescindível, nesta fase avassaladora de inovações tecnológicas, ainda mais a interação entre meio acadêmico e mercado. Nas universidades tem-se enfrentado ao longo dos últimos anos avaliações sucessivas (talvez ainda não de todo adequadas) buscando definir melhor as condições dos cursos (outra luta difícil, já que em muitos casos o Estado não cumpre seu papel tanto no investimento nas públicas – salarial e infraestrutura laboratorial –, quanto na autorização e fiscalização das particulares que proliferam e transformam-se em verdadeiras fábricas de diplomas) e consequentemente estabelecer profissionais mais próximos às suas vocações específicas, principalmente regionais.

E da parte profissional, o trabalho também tem sido árduo, envolvendo mobilizações de entidades como a Associação Brasileira de Professores de Jornalismo, e entidades importantes no cenário acadêmico como a Intercom, a Compós, a SBPJor, e na interação com os profissionais através da Fenaj e seus sindicatos, Abraji e ABI.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços na luta pela formação dos futuros profissionais não podem se centrar apenas no aspecto revisional de conteúdos ou da montagem e atualização de estruturas e equipamentos nas escolas de comunicação e jornalismo. É preciso ir além e de maneira ampla. Imprescindível é que as

organizações jornalísticas também repensem especificamente seus sistemas de seleção, treinamento e – por que não? – seus métodos de produção das informações.

O jornalismo, assim como outros conhecimentos de autoprodução humana, se constitui sob bases dialógicas e precisa um olhar atualizado. Isso porque a curiosidade de conhecer algo leva à pergunta, e, por conseguinte, à investigação e ao outro que pode auxiliar neste processo de construção coletiva de formulação de um saber. É o que garante Freire-Bezerra (2020). Segundo ela, o diálogo sempre foi o método que sustentou o fazer jornalístico, mas que andou um tempo distorcido ou subutilizado. Juliana reforça que necessariamente é preciso recuperar sua relevância na sociedade contemporânea, tendo a potencialidade de contribuir para o aumento da consciência crítica e cidadã de toda a sociedade. Com certeza, temos ainda um longo caminho a percorrer.

Referências

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. SP: Summus editorial, 2009.

DINES, Alberto. **Por um jornalismo humanista**. Caderno Ilustrada: 21/11/1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq21119828.htm>

FREIRE-BEZERRA; MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne. **Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações**. RS: Editora Insular, 2020.

JANINE RIBEIRO, Renato. **A pátria educadora em colapso**. SP: Três Estrelas, 2018.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo** – Norte e Sul. SP: editora Edusp, 2001.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. SP: Paulus, 2013.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **A miséria do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Jornalismo e compromisso social: a arte do diálogo e das vozes plurais**. Entrevista realizada em 10/10/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/40090/20128>

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. SC: editora da UFSC, 1992.

RODRIGUEZ, Victor Gabriel. **O ensaio como tese - estética e narrativa na composição do texto científico**. SP: Martins Fontes, 2012.

SOUZA LEAL, Bruno; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. **Para entender o jornalismo**. MG: Autêntica, 2014.